

Pais do Amaral alia-se a Gonçalo Pereira Coutinho em capital de risco

EMPRESAS COTADAS EM PORTUGAL COM CAPITALIZAÇÃO ATÉ 300 MILHÕES de euros podem ser alvos de uma OPA da Patris Capital e dos seus associados.



Gonçalo Pereira Coutinho, fundador e accionista da Patris Capital. Ex-administrador do Banif Investimentos.

José Pedro Luís
jpluis@economicasgpps.com

Miguel Pais do Amaral, Fernando Correia da Silva e a Fundação Luso-Americana são três dos 23 accionistas que se uniram no projecto criado por Gonçalo Pereira Coutinho, a Patris Capital. As empresas cotadas de pequena dimensão poderão ser um alvo apetecível.

Esta 'private equity', constituída a 27 de Outubro com um capital social de 3,75 milhões de euros, pretende ajudar a dinamizar o mercado nacional, querendo adquirir até oito pequenas e médias empresas até finais de 2007. Pontualmente, o grupo pondera ainda fazer aquisições em parceria com os seus accionistas ou 'private equity' estrangeiras, operações que poderão atingir "um montante na casa de 200, 300 milhões de euros", afirmou Gonçalo Pereira Coutinho em entrevista ao Diário Económico. Isto sem contar com a possibilidade de se alavancar o negócio em dívida. "O problema é que em Portugal não há muitas transacções deste tipo. Um fundo português centrado só em grandes aquisições não tem grandes oportunidades (de negócio)", explica.

A compra de empresas cotadas é um dos interesses do grupo, apesar do foco em empresas familiares. "Em Portugal há três ou quatro oportunidades interessantes subavaliadas na bolsa". O fundador e presidente da

Patris Capital detém 20% do capital da empresa. A Patris está em vias de fazer um aumento de capital para 10 milhões de euros, sendo possível a entrada de alguns novos accionistas.

O investimento pretende ser multi-sectorial e em diversas regiões do país, contando para isso com a experiência dos vários accionistas, onde se incluem, desde a Quimifertil, uma empresa especia-

"Em Portugal há três ou quatro oportunidades interessantes subavaliadas na bolsa", considera Gonçalo Pereira Coutinho.

lizada em produtos agropecuários, até à Fundação Luso-Americana. As oportunidades de investimento surgem, maioritariamente, por contactos pessoais. A partir daí, acrescenta Pereira Coutinho, "negociamos um preço que permita, de acordo com um plano de negócios a cinco, seis anos, valorizar uma empresa para depois a vender e obter mais-valias". O principal accionista da Patris revela que o grupo tem "um foco especial em empresas familiares, as quais se deparam muitas vezes com problemas de sucessão ou de uma fraca gestão. Pode-

mos ainda apoiar alguns elementos da família a reestruturar a empresa", afirma o maior accionista da Patris. O único ponto essencial é que Pereira Coutinho quer "ter o controlo das empresas para que nenhuma decisão seja tomada à revelia". Apenas em caso de aquisições de pequenas participações em grandes empresas, através de parcerias com 'private equity' estrangeiras, por exemplo, esta posição de controlo não é essencial. Mesmo assim, o administrador acrescenta que "esse controlo será exercido através da empresa com a qual se tem a parceria". Pereira Coutinho revelou que está em "conversações com 'private equity' internacionais, nomeadamente uma espanhola, para fazer uma parceria. Ela deverá ser concretizada no próximo ano".

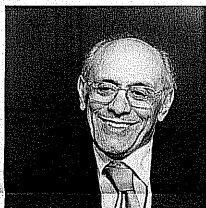
O objectivo que a Patris persegue é o de oferecer 15 a 20% de rentabilidade anual para os capitais investidos, sendo que o retorno só será contabilizado daqui a quatro, cinco anos, quando se entrar em fase de desinvestimento. Isto poderá cativar muitos mais investidores para este tipo de investimento, nesta ou noutra empresa de 'private equity'. Gonçalo Pereira Coutinho considera que "há muito capital disponível em Portugal, o problema é conseguir reunir quem o detém e identificar boas oportunidades de investimento".

A primeira aquisição, segundo notícias recentes, será 49% da Termalitur. ■ com A.L.M.

OUTRAS CARAS ASSOCIADAS AO PROJECTO



Miguel Pais do Amaral, presidente e accionista da Media Capital.



Fernando Correia da Silva, ex-presidente do Finbanco.



Manuel de Lancastre, empresário e vice-presidente do PSD.

Um terço das cotadas vale menos de 200 milhões

Investidores institucionais poderão encontrar boas oportunidades de negócio.

José Pedro Luís
jpluis@economicasgpps.com

A bolsa de Lisboa é composta essencialmente por cotadas de pequena dimensão, se olharmos à escala europeia. No Eurolist, podem-se identificar cerca de 20 empresas que valem menos de 200 milhões de euros, alvos baratos e, em alguns casos, apetecíveis para uma 'private equity' que veja nesse grupo potencial de valorização.

A justificar este facto poderão estar três factores. O primeiro passa pelo facto da bolsa ser representativa do tecido empresarial português, quando comparada com as

praças e as empresas de outros países europeus. Empresas pequenas, muitas delas familiares, e sem conseguir tirar grandes benefícios do mercado de capitais para financiar o seu crescimento.

Outro ponto prende-se com a pouca dispersão de capital que muitas destas empresas têm em bolsa. Muitos dos maiores accionistas dos grupos cotados mantêm posições de controlo, de modo a evitarem aquisições hostis. Por último, a má gestão destruiu capital dos accionistas, levando os títulos a desvalorizar e a impedirem a empresa de crescer.

No entanto, com o evoluir

Cotadas mais pequenas na bolsa de Lisboa

Cotação de quinta-feira. Ignora SAD e empresas envolvidas em OPA.

Título	Cotação	Nº de Acções	Capitalização
CIN	5,68	25000000	142000000
Cires	1,56	15000000	23400000
Compta	0,9	3000000	2700000
Estoril Sol (Nom.)	9,23	6116779	56457870,17
Fisipe	0,19	155000000	29450000
Ibersol SGPS	9,72	20000000	194400000
Imob. Grão Pará	3,97	2500000	9925000
Inapa	2,61	30000000	78300000
Lisgráfica	1,25	4000000	5000000
Orey Antunes	3,01	1000000	3010000
Pap. Fernandes	2,34	2750000	6435000
Pararede	0,23	363714694	83654379,62
Reditus SGPS	3,53	6500000	22945000
S. Caetano	5,5	35000000	192500000
Sumolis	1,8	49473445	89052201
Vista Alegre SGPS	0,13	18218158	2368360,54

Fonte: Euronext e Reuters

dos mercados de capitais e com a sua globalização, há cada vez mais capital disponível para aplicar em empresas portuguesas, algumas das quais, como explicou Gonçalo Pereira Coutinho em entrevista ao Diário Económico, poderão estar subavaliadas ou mesmo mal geridas. Isto torna-as muito vulneráveis a investidores que possuam capital e que o queiram investir numa empresa com potencial.

E não são só os 'private equity' que estão compradores. Basta ver o exemplo da Soares da Costa ou da Tertit, envolvidas em operações de fusões e aquisições. ■



Paulo Morgado, presidente da Caggecini Portugal.



Sebastião Alves, accionista e presidente da Atral Cipan.